

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Jornal da Tarde

CLASS. : Guarani-Kaiowá

DATA : 1 2 92

PG. : Caed. Seb. p. 7 754

Em busca de respostas para o grande número de suicídios entre os índios kaiowá, historiadores visitaram a reserva onde vivem e reúnem em livro entrevistas e conclusões a que chegaram.

□ POR MARLEINE PAULA

CANTO DE MORTE DOS ÍNDIOS KAIOWÁ

Que motivos têm levado um número significativo de índios a praticar o suicídio? Esta foi a "pergunta de corte" lançada por um grupo de pesquisadores a índios e brancos da reserva indígena de Dourados. E para dar voz aos entrevistados o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, chefe do grupo, lança *Canto de Morte Kaiowá — História Oral de Vida*.

Com a finalidade de ministrar um curso sobre história oral, a pequena equipe — autor, "historiador interessado em história oral", e dois alunos, Márcia Cristina Consolim e Juliano Andrade Spyer — passou uma semana em Dourados. Luis Carlos Eblak de Araújo juntou-se ao grupo para o desenvolvimento do que foi chamado Projeto Kaiowá. Apoiados pela pesquisadora Marina Evaristo Wenceslau, do Centro Universitário de Dourados, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e outras pessoas do lugar, aconteceu a visita à Reserva Francisco Horta Barbosa. O envolvimento com membros da comunidade indígena e a consciência da necessidade de atender aos apelos de minorias desrespeitadas em seus direitos civis básicos fizeram que o professor Meihy e auxiliares transformassem a "aventura intelectual" em marcante experiência de vida pessoal e profissional.

Questões importantes são discutidas numa parte introdutória da obra chamada "A formulação de um grupo de trabalho". A primeira delas diz respeito ao estatuto da história oral que, "como tributária da história pública, se remete ao leitor comum, vigorando o princípio que privilegia o social como alvo do conhecimento" (pág. 15). A segunda, referindo-se às ligações entre história oral e jornalismo, explicita o distanciamento maior entre o fato ocorrido e o relato, a "intensidade argumentativa" e, mais que tudo, a "reflexão histórica", traços fortes da história oral, em comparação com a atualidade, o dinamismo, o poder de "denúncia imediata" presentes no jornal, órgão decisivo, sobretudo nas sociedades de massa. Na maior parte dos casos, o jornal funciona como ponto de partida para o historiador, que deve ir fundo na análise dos fatos e acontecimentos. A última parte da introdução — "Transcrever, textualizar, transcriber" — comenta técnicas relacionadas a estes três itens, merecendo destaque os mecanismos de uso da pontuação e a emergência da polifonia, nos termos de Mikhail Bakhtin.

A parte central do livro, com 16 entrevistas, se de um lado oferece pistas para explicar as causas dos suicídios, de outro apresenta valiosos elementos para a interpretação da cultura indígena como um todo. A análise do material revela por vezes um solo, por vezes um coro de falas reticentes, ambíguas, ora serenas ora apaixonadas, mas



O líder Ireneo e a mulher, da Reserva Indígena de Dourados.

sempre dispostas a colaborar na resolução do problema dos suicídios. Dos depoimentos dos índios — guarani-kaiowá ou terena — e brancos e das interpretações feitas pelos pesquisadores, conclui-se não ser fácil apontar os reais motivos da autodestruição praticada pelos índios douradenses.

Segundo o Capitão Ireneo (capitão é uma espécie de cacique), de 92 anos, índio não tem medo de morrer e já vai para mais de 160 pessoas na Reserva que tentaram matar-se. A razão, ele não sabe bem. Será por causa do fim do mundo? Pertencendo à Igreja Presbiteriana, é contra a atuação de outras entidades religiosas dentro da Reserva, posição não compartilhada por Albino Nunes, nova liderança na comunidade kaiowá, autor do "movimento dos 40" ou "projeto dos 40", mutirão organizado com a finalidade de desenvolver uma atividade agrícola em grupo, beneficiando, com renda extra, os participantes. Para Albino, no álcool, que o índio aprendeu a beber com o branco, está a origem dos suicídios. O pouco trabalho, ou a ausência dele, motivado

pela escassez de terra e exigua ajuda da Funai e órgãos paralelos levam os índios ao desânimo ou desespero, ainda que algumas danças tribais conduzidas por "pajés modernos" (os verdadeiros já não existem mais) tentem frear, às vezes, o ritmo dos suicídios.

Para Edna Marçal de Souza, filha do índio Marçal, assassinado, o índio não tem mais condições de viver a vida de índio. Como também não se pode assimilar completamente ao branco, fica inseguro, dividido. Daí para o suicídio, é um passo só. O relato de Marina Evaristo Wenceslau confirma inferências tiradas anteriormente: o alto índice de suicídios se tornou conhecido no momento em que a imprensa entrou em ação; a atuação da Igreja, sobretudo a pentecostal, tem contribuído para afastar o índio de sua própria cultura; a desagregação familiar, provocada pela necessidade de sobrevivência, tirando índios da

aldeia, é fator de desequilíbrio; a agressão sexual contra a mulher que, se não casada, sofre pressão do pai para o casamento que não lhe agrada, deixa-a insegura e melancólica. A tudo isso associe-se o alto índice populacional da Reserva e ter-se-ão possíveis explicações para os suicídios dos kaiowá.

A última parte da obra e o posfácio "contextualizam" o suicídio, segundo os brancos e conforme a tradição guarani-kaiowá, numa análise que leva em conta fatores de natureza antropológico-econômico-político-religiosa. O "canto de morte" do título do livro evoca naturalmente o poema épico-dramático de Gonçalves Dias. Só que o "I-luca-Pirama" (aquele que deve morrer), com a morte, renasce para a vida, para a tribo, para a história, tal como contada pelo velho da tribo timbira. E os kaiowá, o que os espera?

□ *Canto de Morte Kaiowá — História Oral de Vida*, de José Carlos Sebe Bom Meihy e outros. Edições Loyola. 303 págs. Cr\$ 10.510,00.